

Da estrutura ao real

Of the structure the real

Glória SADALA*

Maria Helena MARTINHO

UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA (UVA/BRASIL)

RESUMO

Este texto pretende abordar a noção de estrutura no campo da psicanálise, considerando algumas formulações freudianas e lacanianas. Demonstra que a estrutura encontra-se nas enunciações de Freud e é retomada por Lacan desde o início de seu ensino para evitar a impregnação imaginária que dominou a psicanálise numa determinada época. Ressalta duas divergências que marcam uma ruptura radical entre Lacan e o movimento estruturalista: a concepção de sujeito e o registro do real.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Linguagem. Real.

ABSTRACT

This paper intends to approach the notion of structure in the psychoanalytic field, considering some freudian and lacanian formulations. It demonstrates that the structure can be found in Freud's enunciation and are taken by

*Sobre as autoras ver página 197.

Lacan since the beginning of his teaching to avoid imaginary impregnation that dominated psychoanalysis at a particular time. It emphasizes two differences that mark a radical break between Lacan and estruturalist movement: conception of subject and register of the real.

KEYWORDS: *Psychoanalysis. Language. Real.*

Neste texto, tomamos a noção de estrutura proposta pelo estruturalismo linguístico para interrogar sua pertinência no campo psicanalítico inaugurado por Freud. A noção de estrutura aparece nas enunciações freudianas, sendo perseguida por Lacan em sua perspectiva de alcançar o real.

No início de seu ensino, Lacan se utilizou da linguística estrutural como eixo em seu retorno a Freud. Já encontramos em Freud enunciações que apontam para a noção de estrutura. Na Conferência XXXI (“A decomposição da personalidade psíquica”), Freud apresenta a metáfora do cristal:

Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo (FREUD, [1933/1932] 2004, p. 54).

A lógica estrutural é retomada por Lacan, que a maneja para reescrever conceitos psicanalíticos, especialmente o conceito tão fundamental, o inconsciente.

O termo estrutura, conforme assinalam Altoé e Martinho (2012, p. 15), tem origem no latim *structura* e é definido no dicionário etimológico da seguinte forma: “composição, construção, organização e disposição arquitetônica de um edifício; disposição especial das partes de um todo (ser vivo, obra literária etc.) consideradas nas suas relações recíprocas; composição; contextura; sistema; conjunto de relações entre os elementos

de um sistema” (Disponível em: <http://www.britannica.com/>>. Acesso em abril de 2013).

Segundo Bastide (apud Coelho, 1976), nos séculos XVII – XVIII, o termo latino começou por designar *o modo como um edifício é construído*. Esse sentido se modifica e amplia-se por analogia aos seres vivos (COELHO, 1976, p. XXII). Surge a ideia *do corpo como construção* em Fontenelle e a ideia *da língua como construção* em Balzac. Altoé e Martinho (2012, p. 15) observam que no final do século XIX, o termo estrutura foi consagrado por Durkheim em uma publicação de 1895, intitulada *Les règles de la méthode sociologique*, mas uma postura estrutural só se apossou verdadeiramente do campo das ciências humanas num segundo momento, a partir do século XIX, com Spencer, Morgan e Marx. Observam, ainda, que no início do século XX no *Curso de linguística geral*, publicado em 1916, Ferdinand de Saussure fundou uma nova disciplina, autônoma em relação às outras ciências humanas: a Linguística. Jakobson destacou Saussure para descrever a língua como um sistema, no *I Congresso Internacional de Linguística*, realizado em Haia em 1928, empregando pela primeira vez o termo estruturalismo. No começo do século XX, emergiu assim o estruturalismo. Saussure empregou apenas o termo estrutura no *Curso de linguística geral* apenas em três momentos. Foi a Escola de Praga (Trubetzkoy e Jakobson) que difundiu o uso dos termos estrutura e estruturalismo. A partir desse núcleo linguístico, o termo estrutura provocou revolução nas ciências humanas, em pleno século XX. O estruturalismo pode ser entendido como um movimento de pensamento, como ponto de vista epistemológico, e não como um método de pesquisa.

A questão que nos interessa é como se estabeleceram os laços entre o estruturalismo e a psicanálise. Segundo Dosse (2007), Lacan manteve fortes relações, desde o período entre-guerras, com Jakobson, Claude Lévi-Strauss e Maurice Merleau-Ponty. No início dos anos 1950, Jakobson, Lévi-Strauss e Lacan se viam assiduamente. Graças a Lévi-Strauss e a Merleau-Ponty, Lacan descobriu Saussure no pós-guerra.

Lacan tomou conhecimento de Saussure em 1953, por meio da obra de Lévi-Strauss¹, e, com base no *Curso de linguística geral*, apresentou

¹ “O êxito do estruturalismo na França é, entre outros fatores, o resultado de um encontro particularmente fecundo em 1942, em Nova York, entre Jakobson e Lévi-Strauss. Jakobson assiste aos cursos de Lévi-Strauss sobre o parentesco, e este acompanha os cursos de Jakobson sobre o som e o sentido. É da simbiose de duas investigações respectivas que nasce a antropologia estrutural.

nos *Escritos* o texto publicado em 1966, intitulado “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. Com Saussure, Lacan concluiu que “é toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente” (LACAN, [1957] 1998, p. 498). Lacan apoiou-se no algoritmo de Saussure, que, para ele, fundamenta a cientificidade da linguística, embora tenha submetido o algoritmo saussuriano a um certo número de modificações muito significativas. Retomou também as duas grandes figuras de retórica já utilizadas por Jakobson, a metáfora e a metonímia, para explicar o desenvolvimento do discurso, e destacou esses dois processos no mecanismo de funcionamento do inconsciente.

O termo estrutura foi definido por Lacan no *Relatório do Colóquio de Raynaudmont*, intitulado “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade” (1960). Para ele, a estrutura é uma máquina que põe o sujeito em cena:

Pois, é ou não o estruturalismo aquilo que nos permite situar nossa experiência como o campo em que isso fala? Em caso afirmativo, ‘a distância da experiência’ da estrutura desaparece, já que opera nela não como modelo teórico, mas como a máquina original que nela põe em cena o sujeito” (LACAN, [1960] 1998, p. 655).

A hipótese contida na afirmação lacaniana a respeito do inconsciente como discurso do Outro é a de que estrutura quer dizer linguagem. Segundo Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que é considerado um pleonasma por ele próprio, uma vez que a linguagem é a estrutura. Tais formulações podem ser acompanhadas no discurso de 1966, intitulado “Pequeno discurso no ORTF” (Office de Radiodiffusion Télévision Française). Lacan concebeu o sujeito como estrutura: “Se mantenho o termo sujeito em relação ao que essa estrutura constrói, é para que não persista nenhuma ambiguidade quanto ao que se trata de abolir, e para que isso seja abolido, a ponto seu nome ser redestinado àquilo que o substituí” (LACAN, [1966] 2003, p. 231).

Por um lado, Lévi-Strauss adota o modelo fonoaudiológico no qual Jakobson o iniciou; por outro, Jakobson abre a linguística para a antropologia. É a conselho de Jakobson que Lévi-Strauss redige, em 1943, sua tese que se converte em obra essencial: *As estruturas elementares de parentesco*, publicada em 1949. Nela ele rompe com o naturalismo que cercava a noção de proibição do incesto ao fazer desta a pedra de toque da passagem da natureza para a cultura” Altoé e Martinho (2012, p. 16-17).

O termo estrutura e a expressão estruturas clínicas surgiram na psicanálise a partir do ensino de Lacan e são de uso comum entre os psicanalistas. As estruturas clínicas servem de orientação para a condução de uma análise e, desde Freud, constata-se a importância do diagnóstico diferencial (MARTINHO, 2011).

Em “Sobre o início do tratamento”, Freud ([1913] 2004) recomenda aos analistas que pratiquem o tratamento de ensaio por uma ou duas semanas antes do começo da análise propriamente dita, explicitando que uma das razões desse tratamento prévio seria justamente a de estabelecer o diagnóstico diferencial. Naquela época, Freud se referia especificamente à diferença diagnóstica entre neurose e psicose. É bem verdade que, no início de suas elaborações teóricas, Freud se deparou com inúmeros impasses no que tange ao diagnóstico diferencial. Um exemplo disso se reflete no texto “As neuropsicoses de defesa”, no qual Freud ([1894] 2004) subdivide a psicose em: psicose de defesa (neurose – fobia, obsessões e histeria) e psicose narcísicas (psicose – paranoia e esquizofrenia). Quatro anos já haviam se passado, e Freud ainda estava às voltas com a possibilidade de encontrar marcos que delimitassem as estruturas clínicas e seus tipos clínicos.

Ao longo da obra freudiana, verifica-se o esforço em alcançar uma precisão diagnóstica. Em seu texto “A propósito de um caso de neurose obsessiva”, conhecido como “Homem dos Ratos”, Freud ([1909] 2004) reconhece a presença de uma estrutura:

Ainda não consegui, até agora, penetrar e elucidar por completo a complicadíssima estrutura de um caso grave de neurose obsessiva. Por outro lado, não me sentiria em condições de tornar clara para o leitor, pela exposição de uma psicanálise, através dos extratos superpostos que o tratamento percorre essa estrutura reconhecida ou pressentida pela análise. São as resistências dos doentes e os modos como eles se exprimem que tornam essa tarefa tão penosa (FREUD, [1909] 2004, p. 124).

Freud não utiliza com frequência o termo estrutura em sua obra, contudo o discurso freudiano apresenta conceitos que podem ser inseridos na categoria de estrutura.

No artigo “Entre o inconsciente e a pulsão”, Birman (1991, p. 28) argumenta a respeito de uma enunciação sobre o conceito de estrutura já presente nos textos de Freud: “[...] nos seus enunciados o discurso freudiano não é um discurso estruturalista, mas as suas enunciações podem permitir a interpretação de sua racionalidade pela leitura estrutural”.

Até mesmo Lacan, antes de seu ensino oficial, mostrou que falar de complexo é falar de estrutura. Em sua publicação intitulada *Complexos familiares*, Lacan ([1938] 2002, p. 19) afirma: “a família não é dominada por comportamentos biológicos, mas estruturada por complexos simbólicos.” Faz o significante complexo operar, tal como Freud o fizera no complexo de Édipo, como um antecedente do conceito de estrutura. Existe, de fato, certa equivalência entre a definição de complexo e a de estrutura. Sendo assim, as três formas de negação da castração explicitadas por Freud – *Verdrängung*, *Verwerfung*, *Verleugnung* – passam a ter um valor estrutural.

O termo complexo (do latim *complexu*) é definido no dicionário da língua portuguesa como atos que têm entre si qualquer relação. A partir dessa ideia, pode-se verificar que, tanto em um complexo, quanto em uma estrutura, os elementos do conjunto têm uma relação entre si.

O estruturalismo serve a Lacan em sua releitura de Freud, no entanto, embora o conceito de estrutura em Lacan se distancie radicalmente daquele dos estruturalistas, a seguinte proposição é mantida: ao se alterar um elemento do conjunto, se provoca a alteração de todos os outros. Constatam-se duas divergências que marcam uma ruptura radical entre Lacan e o movimento estruturalista: a concepção de sujeito e o registro do real.

A concepção de sujeito que marca uma das divergências de Lacan com o estruturalismo carrega a lógica do significante. Em psicanálise, define-se sujeito em função do significante - “o significante é o que representa o sujeito para outro significante” (LACAN, [1960] 1998, p. 833). Tal definição atrela definitivamente sujeito e significante e, dessa forma, ambos ficam circunscritos como operação no campo da linguagem. Para Lacan, o sujeito é efeito do significante, sendo afetado

pela estrutura que obedece a uma lógica. Sendo assim, sujeito e estrutura são categorias coextensivas:

O corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a lingüística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso (LACAN, [1960] 1998, p. 815).

Conforme Lacan, ao real cabe aquilo que resiste à simbolização, nem tudo será simbolizável, explicável, articulável, dizível, o real é o impossível, “não cessa de não se escrever”. O inconsciente marcado pelo real aponta o fracasso da linguagem. Não se pode dizer tudo porque há um impossível inerente à língua. Este impossível é concebido como agramatical, e ele é, como dito acima, designado como real. Há um real que persiste e insiste em cada língua, respondendo pelo que nela há de peculiar, de criativo, aquilo que escapa às regras gramaticais. A partir dessa ideia, Lacan formulou a língua. A língua responde pelo equívoco. Considerada como coleção de lugares discriminados e, ao mesmo tempo, específicos, é matéria disponível para os fantasmas e para o desejo. A língua permite os jogos possíveis com a verdade de cada um no campo da fala (SADALA, 2001).

O real como impossível não faz parte do conceito lingüístico de estrutura. Para os estruturalistas, o conceito de estrutura está ligado à ideia de totalidade. Para a psicanálise, o real tem como estatuto o impossível que se inscreve na estrutura em forma de um buraco, aparecendo como furo real no imaginário e como falta de um significante no simbólico.

Lacan participa efetivamente do fenômeno estruturalista, visto que a sua noção de estrutura é extraída do estruturalismo, mas, ao mesmo tempo, se dissocia dele porque a estrutura dos estruturalistas é coerente, completa, ao passo que a estrutura lacaniana é antinômica e descompletada, inclui em seu campo uma impossibilidade: nem

tudo será explicável. Diferentemente da estrutura saussuriana, que se apresenta em oposição e se define pela “completação” entre significante e significado, o sujeito do inconsciente da estrutura lacaniana se mantém fundamentalmente inacessível, além de toda possibilidade de apreensão, ausência de ser, sempre em outro lugar.

Pode-se, portanto, assinalar a distinção entre um estruturalismo baseado na “completação” e o ensino de Lacan, que assenta na “incompletação”, segundo as expressões utilizadas por Dosse (1992, p. 175). É possível também, não obstante, observar que, no enfoque estruturalista, o sujeito pragmático está reduzido à insignificância, ele é abortado e, no enfoque lacaniano, ao contrário, o sujeito pragmático é valorizado, pois o inconsciente se constitui de modo coextensivo ao sujeito do inconsciente.

Vale lembrar que, nos últimos momentos do ensino de Lacan, a própria categoria de estrutura será reinterrogada no meio analítico. O ensino de Lacan pode ser lido em três períodos que se diferenciam da seguinte maneira: o primeiro, chamado o campo da linguagem, corresponde ao seu ensino nos anos 1950 e identifica-se à primazia dada à linguagem e à fala. No segundo, que corresponde aos anos 1960, encontra-se a invenção de Lacan do objeto *a*. O terceiro, chamado o campo do gozo, batizado por Lacan de campo lacaniano, corresponde aos anos 1970. A dimensão do real estava presente em seu ensino desde 1953, mas seu avanço teórico se deu somente a partir de 1971 com a escrita do nó borromeano. Nos anos de 1950-1960, Lacan afirmava a primazia do simbólico, enquanto, nos anos de 1970, apontava a equivalência entre as três dimensões: real, simbólico e imaginário, fazendo do nó borromeano alguma coisa que é preciso manipular, na tentativa de “tocar o real”.

É importante chamar a atenção para o fato de que, da mesma forma que a segunda tópica freudiana não exclui a primeira, o campo do gozo não exclui o campo da linguagem. Contudo, observa-se no ensino de Lacan um deslocamento teórico-clínico que precisa ser verificado, na medida em que toca diretamente na problemática da estrutura: a articulação possível entre as estruturas clínicas e as novas concepções do nó borromeano e do *sinthoma*. No fim de seu ensino, Lacan considera

que o *sinthoma* desempenha um papel importante no nó dos três registros que estruturam a realidade psíquica do sujeito.

Isto posto, salientamos que o estruturalismo foi a ferramenta inicialmente utilizada por Lacan para distanciar-se da impregnação imaginária que invadia a psicanálise nos primórdios de seu ensino. Lacan manteve a noção de estrutura na visada de suas formulações, com o objetivo de evitar os enganos da linguagem na esperança de alcançar o real. No entanto, afastou-se gradativamente do estruturalismo linguístico a ponto de alocar a psicanálise no campo da *linguística* (LACAN, [1972-1973] 1985, p. 25-26), e não no campo da linguística. A continuidade de suas formulações teóricas o encaminhou para a topologia dos *nós*, instrumento considerado por Lacan mais próximo da categoria de estrutura na tentativa de abordar o real.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. Entre o inconsciente e a pulsão. In: **Estrutura em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Dumará Distribuidora de Publicações Ltda, 1991.
- COELHO, E. P. (Org.). **Estruturalismo antologia de textos teóricos**. Portugal: Editora Martins Fontes, 1976.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo**, São Paulo: Edusc, 2007. Edição original: 1992.
- FREUD, S. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2004.
- FREUD, S. **Las neuropsicoses de defesa**, v. III, 1894.
- FREUD, S. **A propósito de un caso de neurosis obsesiva**, v. X, 1909.
- FREUD, S. **Sobre la iniciación del tratamiento**, v. XII, 1913.
- FREUD, S. **Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis**. 31ª conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica, v. XXII, 1933 [1932]).

LACAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1987. Edição original: 1938.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: _____. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. Edição original: 1953.

LACAN, J. Discurso de Roma. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Edição original: 1953.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. Edição original: 1957.

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. Edição original: 1960.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. Edição original: 1960.

LACAN, J. Pequeno discurso no ORTF. In: _____. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Edição original: 1966.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. Edição original: 1972-1973.

LACAN, J. **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. Edição original: 1973.

MARTINHO, M. H. **Perversão: um fazer gozar**. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

SADALA, G. **No avesso da comunicação: para uma ética do dizer**. – Tese (Doutorado) ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. Edição original: 1916.

STRAUSS, L. **Les structures élémentaires de la parenté**. Paris-Haia: Mouton & Co, 1949.

*Recebido em abril de 2013.
Aprovado em maio de 2013.*

SOBRE AS AUTORAS

GLORIA SADALA é psicanalista. Doutora, mestre e especialista pela UFRJ, coordenadora e professora do Doutorado em Psicanálise Saúde e Sociedade (UVA). Professora do Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade (UVA). Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico-Institucional (UVA). Professora e supervisora do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC - Rio. Supervisora do Curso de Graduação do Curso de Psicologia (UVA). Membro do Colegiado de FCCL- RJ.

E-mail: gloriasadala@uva.br

MARIA HELENA MARTINHO é doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do IP/UERJ. Professora do Curso de Doutorado e Mestrado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA. Professora e Supervisora Clínica do Curso de Especialização em Psicanálise da UVA. Professora e Supervisora Clínica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC – Rio. Coordenadora e Supervisora Clínica do SPA/UVA. Psicanalista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil. Psicanalista Membro do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano – Rio de Janeiro.

E-mail: mhmartinho@yahoo.com.br